

A felicidade em troca da alegria

Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer

A busca da felicidade tornou-se uma verdadeira obsessão para o homem e a mulher de hoje. Todos desejam ser felizes, sentir em seus corações e corpos a sensação da saciedade e da plenitude e para isso não poupam esforços. Qualquer meio é válido para a felicidade, inclusive lançar mão de substâncias artificiais.

Em nome dessa busca desenfreada da felicidade, os compromissos se tornam cada vez mais frágeis. Quando já não têm o sabor de novidade nem produzem o efeito embriagador desejado, pessoas, objetos e coisas, instituições e comunidades são fria e definitivamente descartados, porque já não trazem felicidade.

Gilbert Cesbron, um autor francês do século passado, trabalhou esse tema da felicidade de uma maneira muito feliz, em uma peça de teatro chamada “É meia noite Dr. Schweizer”.

O personagem central da peça é o Dr. Albert Schweizer, famoso médico alsaciano que a certa altura da vida se transferiu para a África a fim de dedicar sua ciência e seu trabalho aos pobres de Lambarene, na República dos Camarões. Ali construiu um hospital e começou a iniciar os africanos em primeiros socorros, tomando medidas incipientes sanitárias a fim de debelar epidemias que dizimavam tribos inteiras.

Com isso, seu imenso talento de organista ficou de lado, pois era difícil senão impossível encontrar um órgão para tocar em plena selva africana. Com isso também ficou prejudicada a convivência com sua mulher e sua única filha, que ficaram na França e só podiam vê-lo em escassas ocasiões.

Homem de profunda fé, com alta formação teológica, o Dr. Schweizer encarava sua opção de vida como uma missão e a ela se dedicava com todo o seu coração, embora passando momentos de dúvida e crise.

A peça começa mostrando-nos um diálogo do médico com sua jovem enfermeira Marie. Francesa, com 30 anos de idade, Marie foi para a África atraída pelo ideal de Schweizer. Após alguns anos de trabalho e dedicação à obra do heróico doutor, começa a sentir-se cansada, farta, com vontade de voltar à sua França natal, a fim de conseguir um noivo e constituir família. É esta notícia que ela vai dar a seu mestre e chefe nesta noite em plena selva.

O diálogo começa com Marie expondo seus argumentos: “Só se vive uma vez. A vida é uma só. Se eu ficar aqui, jamais conseguirei me realizar como pessoa.” Schweitzer a escuta calado. Até que ela exclama, exasperada talvez por seu silêncio: “Acho que tenho direito à felicidade!”

Ele então, serenamente, lhe diz o seguinte: “Estamos em plena selva, é meia noite e eu vou lhe confiar um segredo que levei anos para descobrir: `A felicidade não existe`”

Maria salta, indignada, reagindo contra a afirmação do médico. Como? Retruca ela. Ao contrário, ela tem certeza que a felicidade existe.

Schweizer continua, sem sair de sua calma experiente: “Talvez exista. Mas se você for digna dela, compreenderá que não tem direito a ela se não assumir sobre seus ombros uma parte do fardo de dor que pesa sobre a humanidade. É então que você abandona a felicidade em troca da alegria”.

Profundamente impressionada, Marie abandona a tenda de Schweizer. Os acontecimentos vão se desenrolar de tal maneira que ela acabará ficando na África e encontrando aí o companheiro de sua vida, que partilha ao mesmo tempo seus ideais.

A Páscoa que há pouco celebramos nos dá um belo exemplo disso que dissemos, relembrando a bela peça de Gilbert Cesbron. A vida de Jesus Cristo foi toda ela, aparentemente, um andar na contra-mão do que o mundo chama de felicidade. Vivendo sempre para os outros e nunca para si mesmo, Jesus de Nazaré não estava minimamente preocupado em perseguir e alcançar sua própria felicidade. Tanto assim que não constituiu família, andava sem casa e sem abrigo pelos caminhos pregando a Boa Nova e em alguns momentos o ouvimos falar daquilo que é sua vida: “As raposas têm suas tocas e as aves do céu seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça”.

Por ser coerente com a vida que levou, Jesus foi preso, condenado, torturado e morto. Um fracassado – pensavam todos que o viam pendurado naquela cruz – não conseguiu se realizar, fazer o que desejava, triunfar na vida. E no entanto, ao terceiro dia, as testemunhas o vêem vivo. E seu dom, seu presente de Ressuscitado é apenas a paz e a alegria, dons que acompanharão seus discípulos na missão que terão a partir daí de anunciar a Boa Nova de que Ele ressuscitou e que está vivo no meio de nós.

Esta alegria que só Jesus nos pode dar acontecerá mesmo em meio a tribulações, a angústias e perseguições. É algo muito mais profundo que uma sensação meramente passageira de bem estar à qual equivocadamente chamamos felicidade. É a própria alegria de Deus, feita de paz, de fé, de esperança e de um amor mais forte que a morte. É essa alegria que dá o sentido da vida, sentido profundo, perene e permanente. E não uma felicidade mais que passageira, tão frágil e infiel que rapidamente encontra outro objeto onde pousar-se e abandona aqueles que nela tudo apostaram.

Por isso alegremo-nos, e espalhemos alegria à nossa volta. Esta é a nossa única chance de vida e vida em plenitude. O tempo pascal é mais que propício para isso.